

Líder indígena relata a Barroso medo após morte de Dom e Bruno

22/06/2022

O ministro Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal, recebeu nesta terça-feira (21/6) o líder indígena Beto Marubo, integrante da União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (UNIJAVA), acompanhado da subprocuradora-geral da República Eliana Torelly, responsável pela câmara do Ministério Público Federal que cuida de temas indígenas.

Divulgação STF



Ministro Barroso em audiência com Beto Marubo, da Unijava ^{Reprodução STF}

Beto Marubo, que era amigo do indigenista Bruno Pereira – assassinado na região juntamente com o jornalista britânico Dom Philips –, relatou ao ministro ameaças, medo, apreensão e sensação de abandono na região do Vale do Javari (AM). Beto afirmou ainda que ele foi pessoalmente ameaçado, juntamente com o irmão Eliezio Marubo, o indigenista Orlando Possuelo e Francisco Cristóvão, da equipe técnica de indigenistas.

O indígena disse ao ministro que deixou o Vale do Javari por recomendação das autoridades de segurança locais, que apontaram riscos à vida dele. Ele afirmou que alguém anonimamente deixou um bilhete no escritório da área jurídico da UNIJAVA na cidade de Tabatinga (AM).

"Faço um apelo: nós perdemos um grande brasileiro (em relação a Bruno). Precisamos de intervenção agora no Vale do Javari", afirmou Beto Marubo ao ministro Barroso.

O ministro mostrou interesse em conhecer a realidade local para eventuais providências na ADPF 709, da qual é relator. "Estamos perdendo a soberania da Amazônia para o crime organizado", lamentou Barroso durante a conversa.

Beto Marubo relatou ao ministro problemas que a comunidade do Javari enfrenta atualmente. O primeiro é o abandono da região pelo Estado, com desmonte da Funai, assim

como as constantes alegações das Forças Armadas de falta de recursos para operações necessárias e dificuldade da Polícia Federal em articular ações sem apoio das Forças Armadas. O segundo problema decorre da atuação das quadrilhas internacionais envolvendo brasileiros, peruanos e colombianos que exploram pesca ilegal (pirarucu e peixe liso, bem como de peixes ornamentais) e caça ilegal. Por fim, que o indigenista Bruno Pereira foi morto por ter feito o mapeamento dessas atividades ilegais e da logística adotada pelos integrantes das quadrilhas e entregou ao MPF, além de ter dado ciência à Polícia Federal em Tabatinga.

Beto Marubo disse que, ao longo dos últimos anos, Bruno Pereira treinou os indígenas a usarem recursos e tecnologias atuais para poderem qualificar as informações, de forma técnica, sobre o aumento das invasões do território indígena Vale do Javari, constatando a atuação de quadrilhas organizadas em atividades ilícitas na região.

Ainda conforme Beto Marubo, há uma outra morte que pode estar associada ao crime envolvendo Bruno e Dom, a de Maxciel Pereira dos Santos em 2019. Ele chefiou, por cinco anos, o Serviço de Gestão Ambiental e Territorial da Coordenação Regional do Vale do Javari, e morreu com dois tiros na cabeça em Tabatinga.

Para o líder indígena, não é possível determinar quem são os mandantes das mortes de Bruno e Dom - e eventualmente de Maxciel -, mas para ele é claro que o contexto está nessas quadrilhas internacionais que envolvem pesca e caça ilegal. "É preciso que se investigue essas quadrilhas, essa rede de criminosos, que protejam nossa terra", pediu Beto Marubo.

Segundo Beto Marubo, Bruno mais de uma vez comentou que a ADPF 709 havia trazido alento e visibilidade à causa, apesar da resistência da União em cumprir todas as determinações. *Com informações da imprensa do STF.*

Fonte: <https://conjur.jumps.com.br/2022-jun-22/lider-indigena-relata-barroso-medo-morte-dom-bruno/>